

Educação Física na EJA: ninguém fica de fora da ginástica

Jacqueline Cristina Jesus Martins
CIEJA Aluna Jéssica Nunes Herculano

A experiência aqui relatada refere-se ao trabalho desenvolvido com as turmas de módulos 1 e 2 ou etapa de alfabetização e etapa básica, dos períodos da manhã e tarde no ano de 2015. As aulas de Educação Física acontecem uma vez por semana dentro do período de aula das turmas, pois em busca de atender aos anseios e interesses dos estudantes que solicitaram a presença da Educação Física na escola, ofertar as aulas do componente curricular no contraturno impossibilitaria o direito dos alunos de participarem das aulas garantido. Convém lembrar que o tempo de permanência dos estudantes na escola é reduzido por diferentes razões.

Compunham as turmas: aposentados, donas de casa, adultos trabalhadores, jovens recém-chegados de outros estados do país, jovens em situação de abrigo, jovens, adultos e idosos com deficiência. Tínhamos pessoas com deficiência auditiva, deficiência motora (dois usuários de cadeira de rodas), deficiência intelectual e deficiência múltipla.

É importante relatar que sou professora-supervisora do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) e que durante a realização do trabalho atuaram junto comigo três bolsistas no período da manhã e dois bolsistas no período da tarde. Todos estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e participam do subprojeto: *O trabalho colaborativo para a construção de práticas corporais inclusivas*.

Para selecionar o tema a ser estudado, realizei um mapeamento das práticas corporais dos estudantes, dos interesses dos grupos e das condições de realização dessas práticas no contexto escolar. Foi importante saber tanto que alguns vinham diretamente do trabalho quanto que outros faziam o inverso, ou seja, saíam da aula e seguiam para o trabalho. Havia mães e avós que muitas vezes precisaram trazer seus filhos ou netos para que pudessem frequentar as aulas. Tínhamos também adultos e idosos que estavam adentrando à escola pela primeira vez, portanto, tendo as suas primeiras vivências escolares, enquanto outros jovens e adultos estavam retornando à escola após experiências malsucedidas. Um olhar mais atento às questões de cada um dos educandos é importante para que possamos proporcionar-lhes novas experiências com o espaço

escolar, valorizando as suas participações e tentando romper com as dificuldades que surgem durante o percurso escolar.

A primeira representação que precisou ser desconstruída ligava as aulas de Educação Física a um certo tipo de vestimentas. Recordando que alguns estudantes vêm do ou vão para o trabalho, isso acarreta no uso de uniformes ou mesmo de roupas inadequadas à prática de atividades físicas. Outro fato presente nas turmas é o uso de saias por algumas mulheres por questões religiosas. Como lidar com isso durante as aulas de Educação Física? Essa foi uma das questões que me fez pensar: Como eu contribuo na formação desse estudante? Deixando-o participar da aula de acordo com as suas possibilidades ou retirando-o da aula por não estar com a roupa “adequada”? Será melhor que apenas observe os demais ou realize as atividades dentro das limitações que a vestimenta impõe? A depender da resposta que eu mesma dava para cada uma dessas questões, percebia que poderia novamente excluí-los da escola novamente ou, então, pensar novas oportunidades de participação nas aulas, contribuindo de fato para a sua integração e formação.

É importante registrar que passado um certo tempo algumas das mulheres que usavam saia por motivos religiosos começaram a frequentar as aulas com uma calça *legging* por baixo para que pudessem ter mais liberdade de movimentos, e outras pessoas compareciam usando roupas mais confortáveis, mesmo não sendo uma exigência para a participação.

Para iniciar o trabalho, em uma conversa com as turmas, levantamos quais eram as práticas corporais que cada um deles realizava ou conhecia, quais eram os espaços disponíveis para isso no entorno das suas residências e quais eram os interesses e expectativas que possuíam a respeito das aulas de Educação Física.

Os resultados dessas conversas estavam relacionados a práticas ginásticas, e as expectativas dos estudantes a respeito das aulas de Educação Física giravam em torno de melhorar a flexibilidade, emagrecer e relaxar, ou seja, um olhar utilitário sobre eventuais benefícios das aulas.

A partir dessas observações, selecionei as ginásticas como tema do primeiro semestre de 2015. Em seguida, selecionei como objetivos gerais de aprendizagem: ressignificar, aprofundar e ampliar os conhecimentos dos alunos a respeito das práticas ginásticas; e como objetivos específicos: reconhecer as diferentes práticas de ginásticas veiculadas pelos meios de comunicação, identificando as características principais de cada uma dessas modalidades; criar novas formas de se praticar as ginásticas de acordo

com as características do grupo; e reconhecer os espaços públicos como possibilidade de realização das práticas ginásticas.

Nas primeiras aulas, vivências de exercícios de flexibilidade, força, equilíbrio e resistência constituíram-se nas primeiras experiências dos estudantes com as diferentes formas de se praticar as ginásticas. Durante a realização dessas aulas, diálogos com os estudantes mostraram-se ações essenciais para que houvesse uma aprendizagem a respeito dessas práticas. Explicações, curiosidades, nomes de músculos, nomes de aparelhos, entre outros conhecimentos, demonstraram para os educandos que as atividades ali propostas não eram apenas um momento de recreação ou uma proposta de ginástica laboral, mas sim um momento de aprendizagem, de conhecermos mais e melhor sobre as ginásticas, seus sentidos e significados.

Durante as ações didáticas, fomos apresentando aos estudantes quais eram os conteúdos que estudaríamos e os objetivos do trabalho proposto, aproveitava para mapear as demandas e interesses dos grupos. Era rotina das aulas finalizarmos as atividades retomando o que fora estudado naquela aula, os aspectos mais importantes e o que poderíamos pensar para o próximo encontro. Inicialmente, durante esse momento da aula, os estudantes apresentavam dificuldades em relatar o que aprenderam, sempre falavam que a aula havia sido boa e pouco sugeriam para as aulas seguintes. Acredito que muito dessa postura inicial do grupo se relacionava ao fato de os educandos terem poucas experiências, tanto com as aulas de Educação Física quanto com as práticas ginásticas. Como naquele momento estavam conhecendo e experimentando situações novas, ainda tinham poucos elementos para avaliar ou contribuir com sugestões.

Ao abordarmos as ginásticas em academias e clubes, conversamos sobre os testes e avaliações físicas que ali são feitas para que os professores verifiquem como os praticantes estão fisicamente e estabeleçam os objetivos a serem alcançados, bem como as atividades correspondentes para tanto.

Com a intenção de propor algumas vivências diferentes que trouxessem novas experiências e novos saberes, planejamos, para a aula seguinte, a vivência de alguns testes físicos. Evidentemente, a intenção não era a mesma da avaliação física comumente realizada nos clubes e nas academias, mas sim de proporcionar aos estudantes essa vivência, com vistas à ampliação dos conhecimentos que envolvem as práticas ginásticas.

Para a realização da aula em que faríamos os testes, avisamos os educandos com antecedência e solicitamos que, na medida do possível, viessem com as roupas adequadas para a prática de atividade física.

Com um olhar atento às diferenças presentes nos grupos e às especificidades de cada uma das turmas, não seguimos nenhum protocolo, apenas selecionamos alguns testes que poderiam ser vivenciados pelos jovens, adultos, idosos e pessoas com deficiência. Para a realização dos testes, fizemos alterações de acordo com as necessidades dos educandos, tentando garantir que cada um realizasse as atividades de acordo com as suas condições. Uma dessas mudanças, por exemplo, foi a possibilidade de escolher com qual peso seria feito o teste de força de membros superiores. A maioria das pessoas solicitou o que o teste indicava, 3kg para mulheres e 5kg para homens, porém aquelas pessoas que não se sentiram à vontade para utilizar essas cargas puderam alterá-las a seu critério, visto que se tratava de uma experimentação.

Enquanto forma de registro para a avaliação do trabalho realizado, fotografamos e filmamos inúmeros momentos. Ao assistir os vídeos, fiquei muito satisfeita com a participação de todos, avaliei que a proposta permitia a inclusão sem qualquer discriminação. Ver idosos, pessoas com deficiência, jovens e adultos participando conjuntamente das atividades me fez acreditar no trabalho e mostrou que era possível que as aulas acontecessem mesmo com tantas diferenças.

Como devolutiva dos testes realizados, apresentamos os resultados de cada um dos estudantes e conversamos sobre as diferenças constatadas. Coletivamente, pudemos atribuí-las à distinção de faixa etária, praticantes de atividades físicas e entre as pessoas que possuem limitações como tendinite, bursite e outros problemas articulares que interferiram no desempenho. Foi uma aula muito interessante, em que o reconhecimento das diferenças esteve presente o tempo todo.

Continuando os estudos das práticas ginásticas, uma das atividades que os estudantes mais se interessavam eram os exercícios de flexibilidade. Muitos passaram a relatar melhoras pessoais durante a execução dos alongamentos e também afirmavam que estavam realizando esses exercícios em casa. Para valorizar uma prática que possibilite a autonomia dos alunos, disponibilizamos uma folha com várias imagens de exercícios de alongamento para diferentes partes do corpo. O uso desse material também foi importante durante as aulas.



Uma dificuldade apresentada pelo grupo estava relacionada à memorização das atividades realizadas nas aulas anteriores. O mesmo acontecia nas atividades de leitura e escrita, e juntamente com as professoras das turmas, tratamos a questão como dificuldade de retenção dos conhecimentos e entendemos que pelas poucas vivências que esses educandos têm com essas atividades, essa retomada do que aconteceu nas aulas anteriores era importante para ajudar na aprendizagem dos temas trabalhados.

No início do trabalho, também observamos outra questão que estava presente durante as atividades em duplas. Muitas vezes homens e mulheres não se sentiam à vontade para realizar atividades conjuntamente, principalmente atividades em que necessitavam dar as mãos, ou tocar o colega para massageá-lo, por exemplo. Em algumas falas femininas explicitavam-se as preocupações com o que outras pessoas diriam ou o que certos maridos pensariam se as vissem em duplas com os colegas. É necessário manter um olhar atento a essa questão, pois é sabido por nós do CIEJA, que algumas dessas mulheres encaram diariamente várias dificuldades para poderem estudar. Muitas vezes, para frequentar a escola, elas precisam enfrentar o machismo dentro da própria casa. Já ouvimos relatos que diziam: *Meu marido me diz que não entende porque eu quero estudar, porque eu já sô casada, tenho filhos e que ele sustenta a casa!;* *Meu marido diz que eu venho para a escola para fugir do serviço da casa!* Portanto, sabendo dessas questões, e lembrando que as aulas aconteciam na rua, em frente a uma via em que trafegam muitos ônibus e carros, e que talvez essa situação pudesse gerar algum problema

familiar para essas pessoas, não insistíamos para que as duplas fossem mistas, deixávamos os próprios estudantes se organizarem.



Dando prosseguimento aos estudos das ginásticas, as próximas ações didáticas abordariam os exercícios aeróbicos. Iniciamos falando sobre as caminhadas, mas no decorrer do trabalho alguns alunos apresentaram interesse pela corrida. Um dos estudantes costuma vir para a escola correndo e relatou que já havia participado de algumas provas, mas que pelos preços cobrados para a participação desses eventos ele não participava mais – quando são gratuitas, ele costuma participar. No início, o interesse pelas corridas foi apenas de um grupo de jovens e adultos homens, mas depois, algumas mulheres passaram a se interessar também.

No primeiro dia da vivência das corridas e caminhadas, apresentamos um monitor de frequência cardíaca e explicamos como funcionava, como se utilizava e solicitamos que algum estudante realizasse a atividade proposta sendo monitorado pelo aparelho. Caminhamos e corremos em volta do quarteirão da escola durante 12 minutos e ao retornarmos, ao fim da atividade, conversamos sobre as alterações que aconteceram nos corpos de cada um. Os estudantes com deficiência cumpriram o percurso menor, previamente marcado com cones na rua em frente à escola. Essa foi a maneira que encontramos para que esses estudantes tivessem os seus ritmos contemplados, isto é, pudessem correr e caminhar na sua velocidade e manter a segurança necessária, pois

alguns alunos não conseguiriam dar a volta no quarteirão sozinhos com autonomia. Utilizando os dados apresentados pelo monitor, explicamos as diferenças entre as faixas etárias e entre pessoas treinadas e sedentárias.



Ao avaliar a atividade após a sua realização, acreditamos que foi uma boa forma de garantir que os estudantes com deficiência participassem da mesma forma que os demais, a adequação da atividade só foi necessária pelas dificuldades de espaço da escola, pois se tivéssemos uma quadra, eles conseguiriam realizar a tarefa assim como os colegas.

Em uma das turmas havia duas usuárias de cadeira de rodas, e ambas não conseguem conduzir as próprias cadeiras. Elas afirmaram que gostariam de participar da aula, então os bolsistas do PIBID que acompanhavam as aulas conduziram as cadeiras ao redor do quarteirão. Durante o percurso, foi possível notar o quanto as duas estavam gostando. Ambas possuem deficiência múltipla e pelos relatos das famílias, pouco saem de casa, devido à dificuldade de deslocamentos. Quando pensamos nessa atividade para os usuários de cadeira de rodas, imaginamos que não haveria muito sentido, pois não se conseguiria discutir com elas as alterações corporais, as sensações advindas do exercício, porém, ao ver os sorrisos estampando os rostos e perceber que para além do exercício, elas estavam se sentindo pertencentes ao grupo, constatamos que nem sempre a atividade é recebida pelos estudantes com deficiência da forma que imaginamos. O que pensávamos ser sem sentido para elas, foi, na verdade, uma afirmação de pertencimento ao grupo.

O subtema exercícios aeróbicos incluiu, também, a realização de uma vivência com música. A atividade aconteceu dentro da própria sala de aula da escola. Afastamos

as mesas e as cadeiras e partimos para as atividades. Os homens se sentiram um pouco envergonhados no início, mas logo se soltaram. Algumas mulheres relataram que já haviam participado de aulas de “aeróbica” em academias, CEUs¹ e clubes. Mesmo com as dificuldades espaciais, as aulas aconteceram de forma animada, e algumas falas como *Dança direito que você consegue ficar forte!* suscitaram questionamentos: *para que serve o exercício aeróbico? Quais são os exercícios aeróbicos?* O assunto havia sido tratado por ocasião das corridas e caminhadas, mas adotamos como princípio retomar as atividades para ajudá-los na compreensão das práticas estudadas. A partir daí, colocamos como ação didática importante apresentar em todo início de aula qual prática ginástica seria estudada e qual era a função de cada uma delas e, sempre ao final da aula, perguntar sobre o que havíamos realizado.



Para estudar as práticas de musculação e os exercícios de força, utilizei alguns materiais como elástico de resistência, bastões, medicine ball, caneleiras com pesos, cadeiras, tapetes de ioga e bancos suecos.

Essas atividades foram de grande interesse para os grupos e as preocupações com emagrecimento, melhoria da aparência física, realização de atividades que ajudassem nas tarefas do dia-a-dia nortearam as aulas. Sempre que possível, tentamos relacionar as

¹ Centro Educacional Unificado, instituição da Prefeitura Municipal de São Paulo.

atividades da aula com as atividades cotidianas dos educandos. Logo nas primeiras vivências muitos alunos relataram terem sentido dores musculares nos dias seguintes. Essas falas abriram espaço para discutir o funcionamento do corpo durante os exercícios, os mecanismos de defesa durante a atividade física e os limites individuais.

Lembrando que um dos objetivos pensados para o trabalho era a ocupação dos espaços públicos, ou seja, que os alunos se sentissem mais seguros para utilizar os equipamentos públicos de lazer como praças, parques, clubes e CEUs próximos às suas residências, sugerimos a ida até uma praça situada nas proximidades da escola que possui aparelhos de ginástica. Apresentamos a proposta aos estudantes e como todos consideraram a ideia interessante, agendamos atividade. No dia marcado, fomos caminhando até a praça, estabelecemos duplas para acompanhar os estudantes com deficiência e garantir uma maior segurança durante o trajeto. Notamos como os jovens e adultos mantiveram uma relação de cuidado e carinho com os colegas. Por ocasião da montagem das duplas, observamos que muitos adultos se prontificaram rapidamente e mantiveram um tratamento bem respeitoso. É importante relatar que os estudantes usuários de cadeiras de rodas não puderam participar da atividade, pois a praça e o próprio caminho não possuem acessibilidade.

Chegando ao local, apresentamos cada um dos aparelhos, explicamos a sua função e demonstramos como executar os movimentos. Em seguida, os estudantes revezaram-se nos equipamentos de tal modo que todos puderam experimentá-los. Retornamos à mesma praça algumas vezes. Certa ocasião aconteceu um episódio muito interessante. Tão logo chegamos, iniciamos a organização da atividade. Um senhor se aproximou e passou a questionar os estudantes sobre o que estavam fazendo ali, de onde vinham e solicitava que não quebrassem os aparelhos. Aproximei-me dele para ver o que estava acontecendo e, com um certo ar de superioridade, se apresentou como o “responsável pela praça”. Expliquei o que estávamos fazendo e que um dos objetivos do trabalho era que os estudantes tivessem autonomia para utilizarem os equipamentos das praças que existem na cidade. O senhor demonstrou não gostar da nossa presença e permaneceu observando o que fazíamos durante todo o tempo. O episódio nos levou a replanejar a próxima ação didática, quando discutimos o uso dos espaços públicos, se todos podem utilizá-los e se alguém tem o direito de impedir o uso pelos demais. Essa atividade foi muito proveitosa, pois fiquei surpresa com as relações que os estudantes fizeram e do quanto eles ficaram indignados com a postura do “Dono da Praça”, pois assim apelidamos aquele sujeito.



Enquanto as atividades aconteciam, percebemos que algumas pessoas se referiam aos corpos dos colegas de uma maneira desrespeitosa, empregando termos como “gordo”, “magrelo”, “barrigudo” e “palitinho”. Também observamos que as pessoas que recebiam esses adjetivos não estavam se sentindo à vontade. É importante ressaltar que na concepção dos adultos que procediam dessa forma, não estavam fazendo nada de mais, nem tampouco notavam o incômodo dos colegas aos serem chamados dessa forma.

Para discutir a questão e problematizarmos o que estava acontecendo nas aulas, organizamos uma atividade didática na sala de informática, onde apresentamos imagens de diferentes corpos: altos, baixos, gordos, magros, musculosos, jovens, idosos, negros, brancos, asiáticos, tanto das mulheres como dos homens – enfim diferentes biótipos. As representações dos estudantes foram problematizadas com base nas seguintes questões: qual desses corpos (tanto masculino quanto o feminino) você acha mais bonito? Qual se assemelha mais ao seu corpo? Qual ou quais você vê com mais frequência no seu dia-a-dia? Qual você desejaria ter?



As discussões foram muito ricas e algumas falas se mostraram bem preconceituosas como: *Ela tá estragando o corpo dela!* – se referindo a mulheres muito musculosas, *Tirando o silicone tá bom!* – com relação a mulheres com silicone nos seios, *Tudo tem que ter um limite! Parece um esqueleto!*, *Ninguém acha isso aí bonito!* e *Ali parece um hipopótamo!*, com relação ao corpo obeso. A presença dessas falas desencadeou conversas sobre cirurgia bariátrica, sobre como se faz a manutenção de corpos muito musculosos com relação aos exercícios e alimentação, o uso de silicone não apenas pelas mulheres em seios e nos glúteos, mas também o uso por homens na panturrilha e peito para aparentarem maior massa muscular. Também notamos uma participação muito grande dos estudantes com deficiência: mesmo que as falas não tenham sido muito elaboradas, foi possível notar as preferências e posicionamentos a respeito daqueles corpos. Muitas vezes eles expressaram apenas as palavras “bonita/bonito” ou “feia/feio”, mas, mesmo assim, expressaram as suas opiniões.

Além das questões relacionadas ao padrão de beleza corporal, as questões raciais também emergiram. Ao apresentar corpos bem parecidos de uma modelo negra e de uma modelo branca, alguns estudantes se referiram à cor da pele como uma característica que não lhes agradava na mulher negra. Esse debate foi muito importante, visto que a maioria dos estudantes do CIEJA se declaram negros ou pardos. A presença de mulheres que afirmavam que aquilo era um posicionamento preconceituoso foi muito bacana de ver. Percebemos que algumas das ações da escola estão empoderando essas pessoas.

Continuando com a reflexão da atividade realizada com as imagens dos corpos, reafirmamos que ninguém tem o direito de falar sobre o corpo do outro, que sempre que

queremos nos referir aos colegas devemos chamá-los pelo próprio nome, salvo quando a pessoa solicita ser chamada por algum nome ou apelido que ela ou ele goste.

Ao se aproximar o fim do semestre, estávamos pensando em encaminhar o projeto para o seu final e fizemos uma votação sobre quais foram as atividades que haviam sido mais interessantes e quais eles haviam gostado mais. As atividades de corridas e caminhadas foram as mais votadas. Decidimos retomá-las com desafios maiores, como aumentar o tempo de exercício e o número de voltas. Foi interessante observar que, mais uma vez, os estudantes tentavam superar seus limites. Ao final da aula, eles estavam comparavam suas “performances” no início e no fim do semestre. Mesmo não sendo um objetivo do trabalho, constatamos que se sentiam felizes por terem superado os próprios limites. Com a ajuda dos bolsistas do PIBID, os estudantes com deficiência correram ou caminharam juntamente com o grupo e já apresentavam algumas posturas mais autônomas de forma que conseguíamos realizar as voltas no quarteirão apenas acompanhando-os, sem necessidade de segurar suas mãos.

Por ocasião da avaliação do semestre, as falas dos estudantes nos decepcionaram um pouco. Apesar do trabalho realizado contemplar as necessidades do coletivo, na nossa leitura, ao relatarem o que aprenderam, a maioria das falas se referiam às melhoras físicas e corporais de cada um. Pouco foi dito sobre os conhecimentos veiculados por meio das explicações ou debates. Por outro lado, a participação dos estudantes com deficiência nas aulas foi vista de forma bem positiva. No nosso entendimento havíamos conseguido realizar uma prática inclusiva, pois todos estavam participando e se sentindo pertencentes ao grupo.

Imaginávamos que o tema estivesse finalizado e após o recesso do meio do ano, faríamos uma nova escolha de práticas corporais para serem estudadas. Porém, ao retornarmos para o segundo semestre e lembrarmos o trabalho com a ginástica, para a minha surpresa, os estudantes mostraram-se interessados em prosseguir com o tema. Decidimos, então, manter as ginásticas como objeto de estudo. Percebemos que seria um bom momento para ampliar e aprofundar o que fora discutido no primeiro semestre e tentar desestabilizar a representação manifestada durante a avaliação.

A partir desse momento passamos a investir mais em: identificar para que serve cada uma das práticas ginásticas estudadas, onde elas são realizadas, quem são os praticantes de cada uma dessas modalidades, nomear partes do corpo que estão sendo trabalhadas e qual a capacidade física envolvida (força, flexibilidade, resistência, equilíbrio etc.). Também investimos na proposta de fazer com que os estudantes se

sentissem com mais segurança para realizar as atividades nos espaços públicos, como as praças e parques. É importante destacar que durante as aulas reforçamos a valorização desses ambientes para a prática da ginástica, pois no imaginário desses alunos as atividades gratuitas eram ruins, de pouca qualidade, mesmo que eles nunca tivessem frequentado. Após as visitas à praça, alguns alunos relataram que passaram a usar os equipamentos próximos às suas residências, e quando esses espaços tinham aparelhos diferentes daqueles que havíamos usado eles descreviam e perguntavam como poderiam ser usados.

Também foi uma solicitação de todos os grupos que realizássemos mais atividades na praça ou no parque, onde há aparelhos de ginástica. Combinamos que a última aula de cada mês seria nesses espaços, mas até o final do ano, por diversos motivos, só conseguimos ir duas vezes.

Durante o segundo semestre, além de manter algumas das propostas que haviam sido bem avaliadas pelos estudantes, realizamos outro formato de aula de ginástica: o circuito. Experimentamos circuitos aeróbicos, circuitos de força e circuitos mistos. Também trabalhamos com equilíbrio e coordenação, por solicitação de alguns grupos. Para essas atividades, utilizamos as bolas suíças, o disco de equilíbrio, o banco sueco e o bosu. Como os materiais eram desconhecidos dos educandos, mostraram-se receosos nas primeiras vivências, o que nos levou a organizar atividades em duplas. Nesse momento, observamos que as questões iniciais da formação de duplas entre homens e mulheres, jovens e idosos e de adultos com as pessoas com deficiência foram superadas. Acreditamos que um pouco dessas mudanças poderia ser fruto das questões que estávamos problematizando durante as aulas e das próprias vivências, além de uma familiaridade maior entre os colegas de turma.

Para os educandos usuários de cadeiras de rodas, as atividades de equilíbrio eram realizadas com os membros superiores. Utilizamos bastões e bolas e, em todas as vezes, puderam-se sentir pertencentes ao grupo e participantes das aulas.

Com a aproximação do final do semestre e pensando em sistematizar os conhecimentos construídos durante aquele ano nas aulas de Educação Física, propusemos um registro com imagens das ginásticas estudadas, o qual solicitava que os educandos colocassem o nome da ginástica representada ou qual era a sua finalidade. É importante lembrar que são estudantes das etapas de alfabetização, e que muitos se envergonham por não dominar a leitura e a escrita. Por esse motivo, a organização do registro contou com a utilização de um banco de palavras, além do auxílio dos bolsistas e da professora

alfabetizadora, pois muitas vezes o educando identificava a ginástica ali representada, mas não sabia escrever a palavra correspondente. Após a realização da atividade e da revisão, constatamos que os estudantes se sentiram bem ao receberem uma folha repleta de “acertos”, o que não lhes é comum devido a suas trajetórias de fracasso escolar.

Apesar do relato até agora ter apresentado o que de positivo aconteceu, nem tudo foi assim. Em certas ocasiões, alguns jovens se recusavam a participar das aulas enquanto outros participavam contrariados. Fizemos a leitura de que eles quase sempre eram minoria no grupo, pois são poucos os que não passaram pela etapa de alfabetização. Além disso, eles apresentam mais dificuldades para enfrentar a questão intergeracional, pois os mais velhos quase sempre os tratam de forma paternalista, o que lhes traz constrangimento. Também não se sentem à vontade para realizar as atividades na rua, à vista de todos. Outro dado que percebemos é que em turmas com muitos estudantes com deficiência, os mais jovens não gostam de participar das aulas pois receiam que as pessoas na rua os vejam fazendo aula com o grupo e os classifiquem como pessoa com deficiência. Esse dado, além de nos apresentar um pouco das inseguranças que esses jovens apresentam, nos mostra também o quanto a pessoa com deficiência é mal vista pela sociedade, a ponto das demais temerem ser confundidas com elas.

Também chegamos à conclusão que poderíamos ter feito os testes realizados no início do ano, pois mesmo não sendo um dos objetivos propostos inicialmente, os estudantes estavam atentos a essas questões e já haviam sinalizado isso com relação às atividades de caminhada, por exemplo, em que identificavam os próprios avanços. Acreditamos que perdemos uma boa oportunidade de mostrar-lhes a função daquela avaliação de fato, porém, quando percebemos essa questão, já não havia mais tempo.

Ao finalizarmos as aulas, realizamos uma conversa a respeito do que havia sido a Educação Física durante o ano de 2015. Surpreendentemente, os comentários foram distintos daqueles coletados no mês de junho. De maneira geral, os estudantes romperam com as avaliações superficiais, em que afirmavam que as aulas tinham sido boas e importantes porque tinham proporcionado alguma melhora física/corporal. Em vez disso, identificaram as funções de cada uma das práticas estudadas, relacionaram as atividades das aulas com o seu cotidiano, lembraram falas realizadas durante as aulas, se remeteram às ações de desconstrução dos preconceitos em relação aos corpos dos colegas, nomearam os equipamentos, reconheceram alguns músculos, entre outras aprendizagens. Algumas falas ainda se restringiram às melhoras físicas e corporais individuais, mas fizemos uma leitura de que isso também é positivo, pois muitos desses estudantes tiveram

as suas primeiras experiências com as práticas ginásticas, e todas essas mudanças e melhorias são ganhos importantes. Ademais, se eles avaliam isso como um ponto positivo da aula, então é importante que façamos esses registros.

Tentando encontrar uma explicação para a mudança ocorrida, para o que teria feito com que os estudantes passassem a olhar para as práticas ginásticas desse modo muito mais interessante, pensamos ter encontrado a resposta na estratégia utilizada. Isto é, ter investido em apresentar no início da aula o que seria feito, explicando o que era, para que servia e recuperando os conhecimentos trabalhados nas aulas passadas. Da mesma maneira, a conversa no final das aulas para repassar e discutir o que havíamos feito, sem esquecer a ênfase dada às relações entre as atividades desenvolvidas e o cotidiano dos estudantes. Percebemos o quanto o diálogo foi importante, pois em todos os momentos, nunca nos colocamos como os responsáveis pelo conhecimento, mas sim como sujeitos que estavam aprendendo conjuntamente, valorizando todas as falas que surgiam no contexto das aulas.

O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus pólos (ou um deles) perdem a humildade. Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim? Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros 'isto', em que não reconheço outros eu? Como posso dialogar, se me sinto participante de um 'gueto' de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são 'essa gente', ou são 'nativos inferiores'? Como posso dialogar, se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar? Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela? Como posso dialogar se temo a superação e se, só em pensar nela, sofro e definho? A auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não têm humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos, há homens que, em comunhão, buscam saber mais.² (FREIRE, 1987, p. 80-81)

Por último, saímos com um encaminhamento para o ano de 2016: os estudantes solicitaram que as aulas passem a acontecer duas vezes por semana. O pedido está amparado em dois argumentos: sendo uma vez apenas, o distanciamento entre as aulas

² FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 80-81.

interrompe o processo, principalmente quando há algum feriado ou alguma outra atividade da escola que inviabiliza uma aula – desse modo o período entre as aulas de Educação Física se torna muito grande; e a valoração crescentemente positiva que o grupo de estudantes está atribuindo às propostas dessas aulas. Essa solicitação nos surpreendeu, e nos faz investir um pouco mais em algumas disputas a respeito da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos. Será que a Educação Física na EJA tem um papel tão secundário que a idade acima de 30 anos, o trabalho diário de mais de seis horas ou filhos devam ser aceitos como motivos para dispensar os alunos desse componente curricular? A legislação que garante esse tal “direito” a esses alunos está alicerçada em qual proposta de Educação Física? Por que não colocar esse componente curricular dentro do período de aula e não no contraturno dos estudantes? Quando os estudantes serão ouvidos para essa tomada de decisão?

Penso que nós do CIEJA Aluna Jéssica Nunes Herculano já demos esse primeiro passo na busca de ouvirmos esses estudantes e atendermos os seus anseios e necessidades. Precisamos que outras escolas participem dessa caminhada.